

FOI UM QUEBRA-QUEBRA: REDUPLICAÇÃO INTEGRAL EM COMPOSTOS [N [V V]] DO PORTUGUÊS DO BRASIL¹

Janayna Carvalho²

Aline Garcia Rodero-Takahira³

janaynacarvalho@gmail.com

rodero.takahira@ufjf.edu.br

RESUMO: Sugerimos uma análise sintática para dados como *quebra-quebra*, em português brasileiro. Esses dados já foram tratados em trabalhos anteriores, como Araújo (2002) e Gonçalves (2009), sob um ponto de vista morfofonológico. Além de explicitar as etapas verbais e nominais, interessa-nos mostrar as restrições para a formação desse tipo de composto. Nele, há uma interpretação de intensidade/iteratividade - expressa pela reduplicação na etapa verbal - para um evento estativo, ingrediente da etapa nominal. Com base nisso, a predição é de que somente verbos que possam expressar atividade por meio de reduplicação sejam permitidos, excluindo-se, portanto, verbos estativos. Este estudo permite mostrar que há questões morfosintático-semânticas pertinentes para a boa formação desse tipo de composto.

PALAVRAS-CHAVE: Composto; Aspecto Lexical; Reduplicação.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, oferecemos uma descrição de compostos do tipo *quebra-quebra*, *bate-bate*, entre outros. Em linhas gerais, argumentamos que: i) esses compostos são gerados na sintaxe; ii) são resultado da recategorização de um núcleo verbal complexo por um

¹ Versões anteriores deste trabalho foram apresentadas no Simpósio *Discutindo a formação de palavras: a morfologia em foco*, parte do evento InPLA-SIL 2013, e no *Workshop on synthetic and analytic compounds*, que se realizou na Universität Stuttgart em janeiro de 2015. Agradecemos a essas audiências pelos comentários que melhoraram substancialmente nossa visão sobre os compostos NVVs. Agradecemos também aos dois pareceristas anônimos da **ReVEL**, em especial a um deles que nos apontou questões que permitiram refinar o tratamento das expressões em tela. Os erros reminiscetes são de nossa inteira responsabilidade.

² Estudante de doutorado sob a supervisão da Prof. Dra. Ana Paula Scher (DL-USP). Atualmente, cursa estágio doutoral na Universität Stuttgart, Alemanha, sob a supervisão da Prof. Dra. Artemis Alexiadou. A autora agradece o CNPq pelo apoio financeiro através das bolsas de Doutorado no país, número do processo 229746/2013-6, e bolsa de estágio no exterior, 142048/2012-7.

³ Estudante de doutorado sob a supervisão da Prof. Dra. Ana Paula Scher (DL-USP). Professora Assistente no curso de Letras Libras (DLEM/UFJF). A autora agradece a CAPES pelo apoio financeiro através de bolsa de Doutorado no país de julho de 2011 a março de 2014 e a UFJF (ProQuali) pelo apoio financeiro através de bolsa de Doutorado no país desde abril de 2014.

categorizador nominal; iii) a leitura de iteração que apresentam é obtida por um efeito semântico da reduplicação e que as restrições para a sua formação são ligadas aos elementos necessários para que a leitura de reduplicação seja atingida. Nesta seção de introdução, delineamos algumas características semânticas e sintáticas gerais desses compostos, os quais serão oportunamente retomados durante a argumentação.

Expressões como *quebra-quebra*, *bate-bate*, etc. são aqui tratadas como compostos porque formam unidades complexas com significados diferentes de suas partes. Mais explicitamente, *quebra-quebra* não significa dois atos de *quebrar*, mas sim vários atos de *quebra*, como se discutirá abaixo. Além disso, essas expressões são exemplos prototípicos da mudança categorial que geralmente se dá em compostos. Nóbrega (2014: 25) descreve essa mudança categorial da seguinte forma:

- (1) **Composto:** Um composto é formado quando dois ou mais núcleos complexos, em determinada relação sintática, são recategorizados por um núcleo definidor de categoria – *n*, *v* ou *a*.

Nas expressões em tela, notamos que o composto *quebra-quebra* é, em uma primeira etapa, formado por dois verbos. A presença de uma camada verbal se torna evidente se contrastarmos as características dessas expressões com a de nomes eventivos com os quais verbos na 3ª pessoa podem ter homofonia: [_v*quebra*] e [_n*quebra*]. Dois fatores exemplificam o comportamento contrastante. Os determinantes que acompanham o nome eventivo *quebra* e a expressão *quebra-quebra* diferem em gênero.

- (2) A/*O quebra da moto...
- (3) O/*A quebra-quebra das motos...

Como verbos não possuem informações de gênero, é previsível que, quando recategorizados como um nome, recebam um determinante neutro, contrastando com nominalizações com mais camadas nominais. O segundo fator é que, diferentemente de *quebra*, várias expressões com a mesma leitura de iteração são formadas de verbos que não possuem uma contraparte nominal, somente verbal. Isso novamente exemplifica que essas expressões possuem uma camada verbal.

- (4) Um rouba-rouba geral aconteceu no jogo na casa do João.
- (5) *Um rouba aconteceu naquela cidade.

- (6) Um fuge-fuge aconteceu no presídio à beira da estrada.
(7) *Um fuge aconteceu no presídio à beira da estrada.

Assim, na expressão *quebra-quebra*, primeiramente dois verbos na 3ª pessoa são concatenados: *quebr-a* e *quebr-a*. Posteriormente, esse núcleo complexo é recategorizado como nominal na presença de um categorizador ‘n’ e, opcionalmente, de um determinante: [D [v quebra quebra]].⁴ De agora em diante, chamaremos esses compostos de NVV, em razão de sua formação.⁵

Algo bastante interessante nesses compostos é a leitura de iteração que possuem. Como os exemplos (4) e (6) evidenciam, compostos NVVs são pertinentes quando mais de um evento aconteceu no mesmo lugar, ao mesmo tempo. Se houve somente um evento de *roubar*, como em (8), ou ainda se houve mais de um evento de *roubar* no mesmo lugar, como em (9), mas eles aconteceram em horários diferentes, compostos como *rouba-rouba* não são adequados para caracterizar esses eventos.

- (8) Contexto: Fizemos um jogo na casa do José e todos se comportaram muito bem com exceção da Maria, que roubou uma vez no segundo tempo.
#Foi um rouba-rouba no jogo da semana passada.
- (9) Contexto: Fizemos dois jogos na casa do José na semana passada e todos se comportaram muito bem, com exceção de Maria. No primeiro jogo, que aconteceu na terça-feira, ela roubou uma vez no segundo tempo; no segundo jogo, que aconteceu na quinta-feira, ela roubou uma vez no primeiro tempo.
#Foi um rouba-rouba nos jogos da semana passada.

⁴ Deve-se ressaltar que compostos como *pula-pula* (um brinquedo), *chupa-chupa* (um doce), *pisca-pisca* (um enfeite) também eram formados com uma etapa verbal e uma nominal, mas, em algum ponto, essas expressões foram reanalisadas e passaram a se referir a entidades. Interessantemente, a contraparte que indica leitura plural ainda está disponível.

- i. Foi um pula-pula quando a dona dos cachorros chegou com uma ração nova.
- ii. Quinze crianças receberam chupetas na sala. Dava para ouvir o chupa-chupa do corredor.
- iii. As luzes da boate estavam todas fracas, o pisca-pisca já tinha começado antes da festa.

⁵ Usamos o termo compostos NVV, e não, por exemplo, compostos DVV, porque é possível formar esse tipo de composto sem um determinante manifesto fonologicamente. Um exemplo seria ‘*Quebra-quebra sempre acontece em manifestações*’. Exemplos como esse nos mostram que um categorizador nominal sempre está presente, uma vez que o uso da expressão é nominal. Entretanto, a assunção de que há um determinante em todas as ocorrências – incluindo aquelas em que o determinante não está fonologicamente expresso, como o exemplo acima – necessita de investigação futura.

Essas expressões apresentam, então, **uma leitura plural para um evento composto de uma série de subeventos**. A reduplicação do verbo é responsável por veicular esse significado.

Cabe aqui uma ressalva sobre os usos de termos como ‘iteração’, ‘iteratividade’ e ‘massivo’ que são usados continuamente no texto para caracterizar os compostos NVVs. Um parecerista anônimo nos aponta que uma interpretação massiva ou uma interpretação iterativa depende do tipo de verbo. Assim, um composto como *chora-chora* teria uma interpretação massiva, porque nota-se o aumento da duração do evento e não uma repetição do evento (*iteração*) com esse verbo. Ainda segundo o parecerista, o comportamento de *chora-chora* contrasta, por exemplo, com o do composto *quebra-quebra*, em que não há aumento da duração do evento, mas sim uma pluralidade de eventos atômicos. Para este tipo de composto, então, seria adequado se falar em *iteração*. Concordamos em parte com essas observações. No caso de *cai-cai*, *quebra-quebra* ou *compra-compra*, de fato, não é possível a interpretação de aumento de duração/intensidade do evento e isso está ligado ao fato de esses verbos serem télicos, como bem apontou o parecerista.

Todavia, não é verdade que, nas formações com verbos atélicos, sempre se obtém uma interpretação massiva, compatível com o aumento da duração do evento e não com a pluralidade de eventos. O exemplo abaixo, em que o composto *chora-chora* figura na descrição de um enterro, é compatível tanto com a intensidade do choro quanto com vários eventos de chorar.

- (10) Pense num rico a ponto de morrer, no leito de morte, com palavras doces entrega seus bens aos familiares que falavam mal dele, que o maldiziam e só apareciam nas festas ou comemorações, aí é um pede perdão, um **chora, chora** e as lágrimas de crocodilo rolam copiosamente.⁶

Portanto, potencialmente, todos os compostos têm a leitura de iteratividade, enquanto só alguns têm a leitura de aumento e intensidade do evento. Por essa razão, aludimos sempre à leitura de iteração quando descrevemos os compostos em geral, a não ser quando só a leitura de intensidade/duração de evento está presente.

Por fim, o uso do termo massivo para caracterizar os compostos NVVs em geral se deve ao fato de que todos, independentemente de possuírem ambas as leituras de pluralidade

⁶ http://mrcorreia.blogspot.com.br/2013_08_01_archive.html.

de eventos e de intensificação/duração de evento ou só aquela, são massivos no sentido de não haver distinguibilidade dos eventos que compõem o grande evento. Dito de outro modo, esses compostos apresentam vários eventos que formam um só evento, mas não podem ser distintos um dos outros. Essa propriedade os aproxima de nomes massivos, por isso os descrevemos como eventos massivos. Essa é claramente uma propriedade do composto em tela, que será mais explorada na seção 4.1.

Esclarecidas as propriedades desses compostos, passamos à organização do trabalho. Este artigo está estruturado da seguinte forma. Na seção 2, apresentamos brevemente os trabalhos de Araújo (2002), Gonçalves (2004) e Vialli (2010), nos quais essas expressões foram tratadas. Na seção 3, mostramos que um tratamento mais acurado dessas expressões pode ser dado se se assumir sua formação na sintaxe. Na seção 4, explicamos como a leitura de iteração surge nesses compostos e como as restrições para formação desses compostos estão ligadas ao mecanismo de leitura de iteração. Na seção 5, apresentamos possíveis extensões desta pesquisa. Finalmente, na seção 6, concluímos o trabalho.

2. TRABALHOS PRÉVIOS

Nesta seção, apresentamos e avaliamos brevemente trabalhos em que a descrição desses compostos foi feita (Araújo (2002); Gonçalves (2004) e Vialli (2010)).

2.1 UMA ANÁLISE MORFOFONOLÓGICA PARA OS COMPOSTOS NVVs: ARAÚJO (2002) E GONÇALVES (2004)

Araújo (2002) e Gonçalves (2004) analisam os compostos NVVs juntamente com outros processos não concatenativos da gramática do português brasileiro. Embora as concepções de reduplicação dos dois autores sejam diferentes – para Araújo, a reduplicação é a cópia do pedaço de uma palavra ou de uma palavra inteira; para Gonçalves, trata-se de um processo de afixação não linear – os autores concordam sobre as restrições centrais que explicam a formação desses compostos.

Para Araújo, a reduplicação nos compostos NVVs é obtida por meio de um morfema aspectual de iteratividade que se conecta ao morfema de 3ª pessoa do singular de um radical dissilábico. Para Gonçalves, o morfema reduplicativo pode ser considerado subespecificado. Seu conteúdo seria somente a informação prosódica e a informação de iteratividade. Esse morfema se conecta a verbos na 3ª pessoa porque essa é uma forma neutra do ponto de vista

cognitivo. Gonçalves concorda com Araújo que há mudança de classe nesses elementos. Ainda para Gonçalves, a razão pela qual formas como **retém-retém*, **advém-advém*, **quer-quer* e **corrói-corrói* são agramaticais se deve ao fato de que verbos possuem estrutura silábica marcada em português brasileiro. Mais especificamente, a estrutura silábica canônica do português é CV e o morfema reduplicativo aparentemente exige esse tipo de estrutura. Entretanto, ao formular uma regra fonológica bastante parecida, Araújo notou que há exceções para essa generalização. São elas: *cai-cai*, *rói-rói* e *põe-põe*.

Neste trabalho, não vamos lidar com a caracterização fonológica dessas expressões, mas a descrição dos autores fornece elementos para a discussão sobre como os compostos NVVs são formados.

A primeira questão a ser discutida é a existência de um morfema reduplicativo. Embora a existência de tal morfema seja uma assunção plausível *a priori*, em nenhum dos dois trabalhos, é oferecida nenhuma evidência para a existência de tal elemento. Também deve ser levado em conta o fato de que tal morfema é nulo, mas tem exigências bastante específicas: ele se concatena a verbos dissilábicos e introduz uma informação de iteratividade. Com base em tal caracterização, percebe-se que esse seria o único morfema aspectual nulo do PB (progressivo, perfectivo e imperfectivo são sempre marcados morfologicamente no verbo). Além disso, esse morfema nulo parece ter características atípicas: ao contrário de outras categorias não manifestas fonologicamente, esse morfema se materializa por meio da reduplicação do verbo.

Em suma, parece haver uma série de problemas com a assunção de que um morfema nulo, com informação prosódica e aspectual, se materializa por meio de outro elemento. Como argumentaremos na seção 4, a própria reduplicação do verbo seria responsável pela leitura iterativa do evento.

2.2 UMA ANÁLISE SEMÂNTICA PARA OS COMPOSTOS NVVs: VIALLI (2010)

Vialli (2010) assume, em grande parte, a caracterização feita em Gonçalves (2004), mas apresenta alguns elementos semânticos para a abordagem de compostos NVVs. Para a autora, nessas construções, há um processo de reanálise responsável pela formação dos compostos NVVs (e não “mudança de classe” como para os outros dois autores resenhados na seção 2.1). Esse processo se dá com verbos de ação que são reanalisados como nomes. Para a autora, nesse processo de reanálise, o conteúdo aspectual do verbo é “canalizado” para a forma substantiva, mas é reanalisado para indicar repetição. Além disso, para que tal processo

ocorra, o verbo deve estar destituído de marcas de modo e tempo e a base verbal deve ser acessada intransitivamente.

Uma importante contribuição do trabalho de Vialli (2010) é delimitar um conjunto dos verbos que podem ser candidatos à formação de compostos NVVs. Como a autora diz, são verbos de ação. Se interpretarmos essa classe como a possibilidade de possuir um agente como argumento externo, a agramaticalidade de alguns compostos, como **mantém-mantém*, **abstém-abstém*, **retém-retém*, **advém-advém*, **quer-quer* e **corrói-corrói*, que foi explicada com base em restrições fonológicas por Araújo (*op.cit.*) e Gonçalves (*op.cit.*), é prevista pelo fato de que esses verbos não têm agentes como argumentos externos. Além disso, essa restrição também explica por que verbos dissilábicos que, aparentemente, seriam bons candidatos para a formação de compostos NVVs não existem, como **fica-fica*, **sabe-sabe*. Esses verbos são estativos de um ponto de vista do aspecto lexical e não selecionam agentes como argumentos externos, o que explica sua agramaticalidade. Esses dados mostram que uma restrição aspectual parece ter mais peso do que uma restrição fonológica nessas formações. Nas seções seguintes, detalhamos melhor a restrição aspectual que há nesses verbos, mostrando que há um ingrediente bem mais básico do que verbos de ação que permite licenciar alguns verbos na construção NVV.

Uma noção que ainda se encontra imprecisa no trabalho de Vialli é a de reanálise desses verbos. Mecanismos de reanálise, tal como entendidos em mudança linguística, por exemplo, levam uma categoria antes interpretada como X a ser interpretada **invariavelmente** como Y. Esse não é certamente o quadro que se observa com verbos e compostos NVVs. Se compararmos *João quebrou a janela* com *quebra-quebra*, percebemos que a interpretação verbal e a nominal coexistem no sistema linguístico do português brasileiro (PB) atual. Nenhuma reanálise ocorreu. O que parece ser relevante é o ambiente sintático em que a raiz $\sqrt{\text{quebr-}}$ se encontra em cada uma dessas formações. Portanto, um modelo sintático para a formação de palavras parece ser adequado para explicar os compostos NVVs e sua relação com verbos.

Na próxima seção, apresentamos brevemente o modelo que usaremos para analisar essas formações, a Morfologia Distribuída (Halle & Marantz (1993), Marantz (1997)), um dos desenvolvimentos da Teoria Gerativa que assume que a formação de palavras e sentenças se dá no componente sintático.

3. ONDE SÃO FORMADOS OS COMPOSTOS NVVs?

Uma primeira observação que gostaríamos de fazer é a aproximação entre compostos NVVs e a repetição de palavras em sentenças, que também indicam, no caso do PB, intensificação, como nos exemplos (11) a (13).

- (11) Ela acordou cedo, cedo.⁷
- (12) Ela limpou, limpou, limpou até ficar brilhando.
- (13) Ela comeu, comeu, comeu até não restar nada no prato.

Vale ressaltar que, nesses exemplos, a repetição de verbos traz uma leitura de intensidade. Se esses exemplos envolvem repetição de palavras na sintaxe, ou seja, são tratados como sintáticos, teríamos de nos perguntar se a mesma análise não caberia para os compostos aqui tratados. *Rouba-rouba, esfrega-esfrega*, etc., assim como os exemplos (11) a (13), recebem uma leitura de intensificação por meio da repetição do verbo.

Outro aspecto de similitude que deve ser ressaltado entre compostos NVVs e sentenças como as que temos em (11) a (13) é a omissão do objeto que é tido como indefinido ou genérico para que o sentido de reduplicação surja. Por essa razão, dados como (14) e (15) seriam considerados estranhos com uma leitura de intensificação.

- (14) #Ele limpou, limpou, limpou o banheiro.
- (15) #Ela comeu, comeu a torta até acabar.

O mesmo comportamento se nota com os compostos com reduplicação. Como observa Vialli (*op. cit.*), eles normalmente ocorrem sem objetos verbais ou complementos nominais, porque o complemento é tido como genérico. Se o mesmo paralelo entre sentenças como (11) a (13) e dados como os expostos abaixo são observados, não há motivação para se tratar aqueles dados como frutos de operações sintáticas e estes de operações morfológicas.

- (16) Hoje foi um **corre corre** na escola! Nosso chá Literário recebeu visita de um representante do projeto.⁸

⁷ É interessante notar que a intensificação se dá de formas diferentes, de acordo com a classe gramatical da palavra reduplicada. Com adjetivos como *cedo* em (11), a leitura é de escala. Com verbos, a leitura é de vários eventos, como veremos a seguir.

(17) Diante desse cenário aquecido, o que se vê de um ano para cá é um **rouba-rouba** de talentos, vaivém de executivos e salários inflacionados.⁹

(18) É um **foge foge** de jogadas, um avanço e recuo nas posições, é um esbarrar nos quadrados escuros e um alcançar nos claros.¹⁰

Visto que em sentenças e em compostos observamos a mesma leitura e, em ambos os casos, o objeto é geralmente suprimido em virtude da leitura de iteração que se quer obter, há motivos para defendermos um só mecanismo para a geração dessa leitura tanto em sentenças quanto em compostos NVVs.

Neste trabalho, utilizamo-nos da Morfologia Distribuída (MD), que assume que a formação de palavras e sentenças se dá no único componente gerativo da arquitetura da gramática, o componente sintático. Não há, nesse modelo, um componente lexical com caráter gerativo. O que, em modelos lexicalistas, é formado no léxico, na MD, é distribuído pelos outros componentes da gramática. A gramática é organizada como mostra a figura abaixo.

⁸ <http://emheltonveloso1.blogspot.com.br/2012/05/hoje-foi-um-corre-corre-na-escola-nosso.html>.

⁹ <http://www.plancorp.com.br/news/realstate/1246-bndes-destinara-r-10-bilhoes-para-estimular-novo-mercado-de-renda-fixa.html>.

¹⁰ <http://beijarotempo.blogspot.com.br/2011/02/tabuleiros.html>.

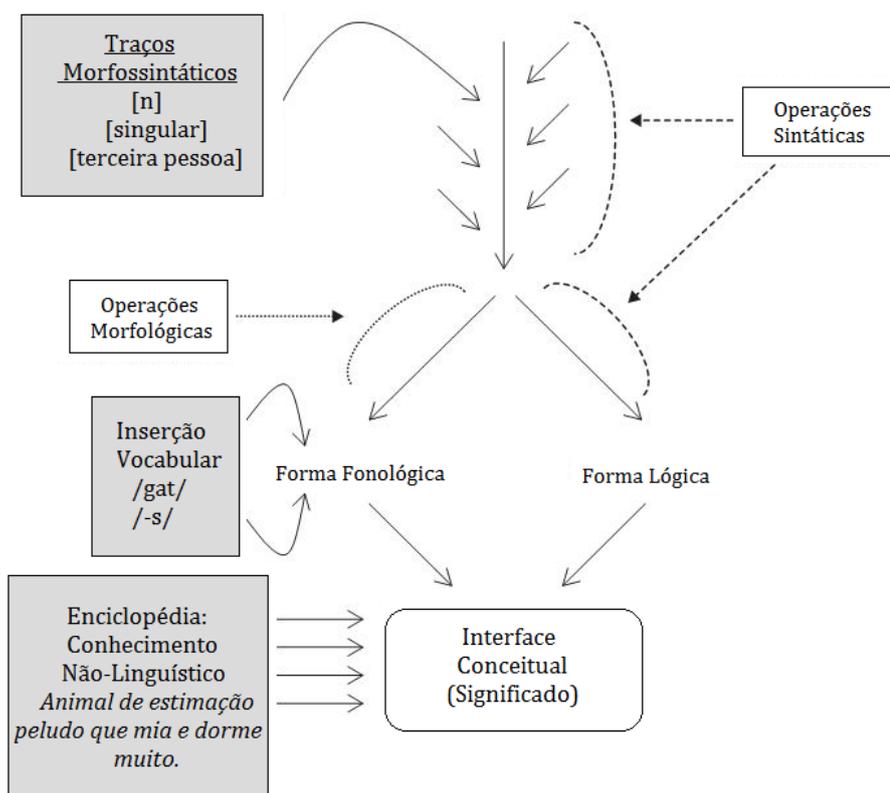


Figura 1: Arquitetura da gramática¹¹

A MD prevê a existência de três listas na arquitetura da gramática. A lista 1 contém raízes acategoriais e traços morfosintáticos abstratos, sem conteúdo fonológico. Os traços morfosintáticos na figura 1 indicam elementos possíveis que podem compor uma derivação. Além desses traços gramaticais, raízes abstratas – mínimos elementos que formam uma palavra sem informação de categoria gramatical – também compõem a derivação. Assim, elementos como $\sqrt{\text{gat-}}$ e $\sqrt{\text{quebr-}}$ também estão disponíveis na lista 1. Esses elementos só recebem conteúdo fonológico, disponível na forma de regras de inserção, na lista 2, ou Vocabulário, após a derivação, por meio de uma operação chamada inserção vocabular. A lista 3, ou Enciclopédia, é responsável por interpretações especiais ou idiomáticas. Se uma raiz como $\sqrt{\text{gat-}}$ entra na derivação, ela pode ser acessada na lista 3 a fim de se determinar se o enunciado permite interpretações idiomáticas – como, por exemplo, *gato* = homem bonito – ou não. Assim, nesse modelo, todas as características que eram antes atribuídas ao léxico estão distribuídas nessas três listas.

Tal como no modelo Minimalista, a sintaxe constrói objetos por meio da operação *merge*. Os traços morfosintáticos selecionados do inventário disponível para uma dada língua

¹¹ Figura adaptada e traduzida em Lazzarini-Cyrino; Armelin e Minussi (2013), a partir de Siddiqi (2009: 14).

são manipulados para a construção tanto de sentenças quanto de palavras. Uma outra inovação desse modelo é a assunção de que a sintaxe opera somente com os traços abstratos selecionados da Lista 1 e que a inserção vocabular só ocorre posteriormente. Isso é motivado pelo fato de que a sintaxe é completamente especificada, mas a fonologia é subespecificada (ver, por exemplo, Bobaljik, 1995). Isso se reflete no nível de inserção vocabular: os itens de vocabulário competem para inserção nos nós terminais e o item mais especificado ganha essa competição.

Com essa teoria, fundamentamos a nossa visão de que a reduplicação ocorre na sintaxe.

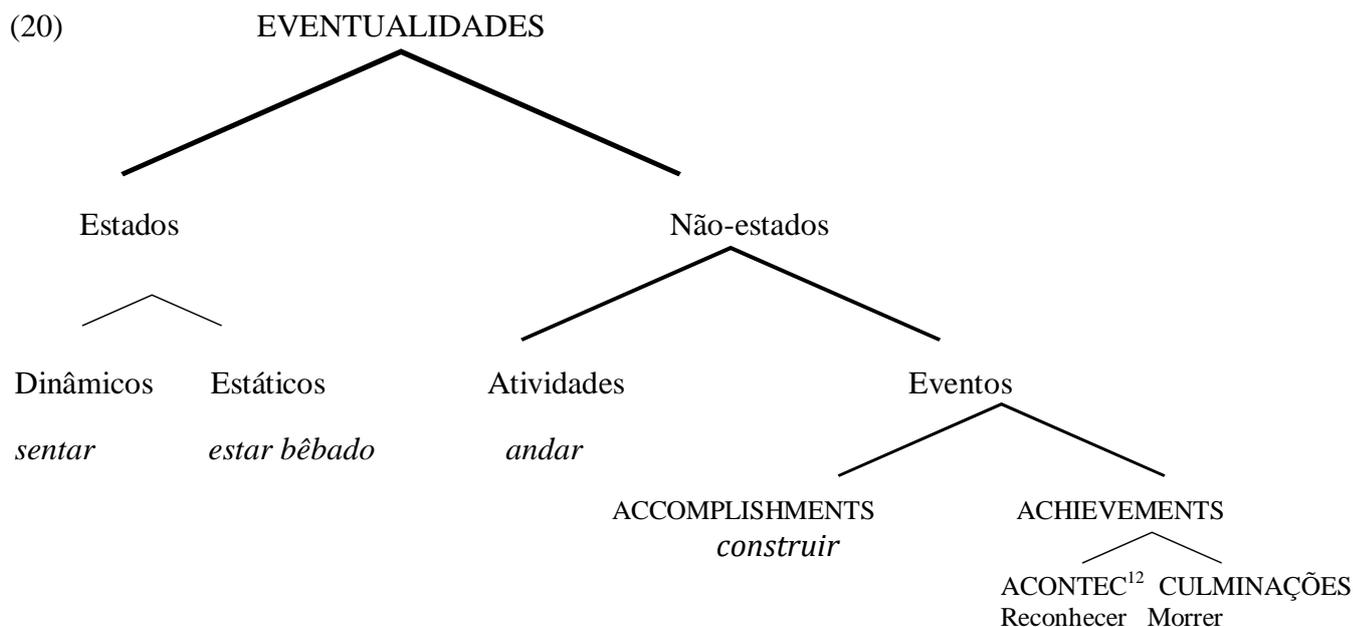
4. ANÁLISE DA FORMAÇÃO SINTÁTICA DOS COMPOSTOS NVVs

É consenso na literatura resenhada acima que os compostos NVVs apresentam uma leitura de iteratividade. Entretanto, os autores citados não se detêm na explicação disso. Acreditamos que a explicação de como essa leitura surge nos dará subsídios para determinar as etapas de geração sintática dos compostos NVVs, assim como demonstrar empiricamente que um morfema reduplicativo é inadequado para explicar os compostos em tela.

Uma primeira questão pertinente sobre a iteratividade resultante da reduplicação é: ela é irrestrita? Qualquer verbo reduplicado pode dar origem à leitura de iteração? Os dados em (19) mostram que não.

- (19) *foi um ama-ama o nosso relacionamento.
*foi um sabe-sabe na discussão do capítulo.
*foi um compreende-compreende na nossa discussão.
*assiste-assiste
*pensa-pensa
*fica-fica (parado na fila)

Os verbos dos dados em (19) são todos estativos do ponto de vista do aspecto lexical. Com uma estrutura de eventualidades tal como apresentada por Bach (1986), podemos entender melhor por que motivo esses verbos não são licenciados em compostos NVVs. Atentemos à representação dessas eventualidades em (20).



(Bach, 1986: 325, traduzido e adaptado)

Nessa representação, estados estão separados de todas as outras eventualidades. Isso se deve ao fato de verbos que fazem parte dessa classe terem características distintas dos verbos das demais classes. Outra ideia defendida por meio dessa representação é a de que não-estados (atividades) são os átomos formadores de eventos (*accomplishments* e *achievements*).

A proposta é embasada em um paralelo com a formação de átomos no domínio nominal. Nesse domínio, há dois tipos de formadores de conjuntos, os individuais, que seriam contáveis, e os massivos. Os dados em (21) e (22) exemplificam as duas classes:

- (21) Há um conjunto formado por dois cavalos: Cavalo A e Cavalo B.
O indivíduo plural formado por eles não é um cavalo, mas sim cavalos. (Contável)
- (22) Há um conjunto formado por sangue de dois indivíduos.
O indivíduo plural formado por eles é sangue, não sangues. (Massivo)

Baseando-se nessa proposta de Link (1983) para a interpretação de indivíduos em um conjunto, Bach (1986) classifica as eventualidades. No domínio verbal, também há eventualidades atômicas e massivas.

¹² ACONTECIMENTOS=acontecimentos. No original, ‘happenings.’

(23) *Morrer* é um evento do tipo atômico, ou seja, contável.

(24) *Correr* é um evento do tipo não atômico, ou seja, massivo.

Como Bach (1986) esclarece, a fusão de duas corridas é uma corrida, mas duas mortes não são uma morte. Perceba, no entanto, que uma atividade como *correr* pode se tornar um *acomplishment* ao adicionarmos um objeto que delimita o evento, como em *correr uma maratona*. Esse sintagma não pode ser mais um evento massivo.

4.1 ELEMENTOS QUE CONSTROEM A INTERPRETAÇÃO DAS NVVs

Nesta subseção, analisamos os elementos que contribuem para a formação das NVVs. Como vimos argumentando, esses compostos têm a leitura de iteração de eventos. Identificamos que a ausência de objetos em geral e a morfologia verbal de 3ª pessoa são os principais elementos para que esses compostos produzam a leitura de iteração de eventos sem distinção de participantes, por exemplo. Estudar essas restrições para a formação de NVVs mostra que a estipulação de um morfema reduplicativo não é adequada.

Nos compostos NVVs, com raras exceções, não há objetos¹³. Como vimos, a maioria dos objetos dão medida ao evento. Se objetos fossem permitidos irrestritamente nesses compostos, a leitura de iteração de um mesmo evento não seria possível. Essa leitura só está disponível porque esses eventos são massivos e, assim, vários pequenos eventos x formam um grande evento X (tal como em (24)).

Perceba que, em virtude das características próprias desse composto, estamos assumindo que todos os verbos que são licenciados nessa formação fazem parte de um evento massivo, mesmo que sejam classificados como contáveis na tipologia de Bach (*op.cit.*). Entretanto, a presença de verbos contáveis nos compostos NVVs não é uma contradição. Como Bach pontua, eventos massivos como *correr* podem se transformar em contáveis com a adição de um objeto, por exemplo. Nos compostos em tela, salvo raríssimas exceções, os verbos são acessados intransitivamente e projeções funcionais sentenciais não são licenciadas. Portanto, o **potencial** contável de alguns verbos não se manifesta a não ser na impossibilidade de uma leitura de intensificação do evento.

¹³ Veja o exemplo (28) abaixo.

Rodero-Takahira (2013) apresenta outros exemplos que levam a essa mesma leitura, como em (25) a (30) abaixo:

- (25) Não só no de ontem, mas em todos os debates, o que vimos foi um **foge-foge** discarado dos dois principais candidatos a presidência¹⁴.
- (26) Só que nesse duelo de Titãs, foi um **cai cai** danado. Faltas e mais faltas. Expulsão do Emerson... Clima quente e exaltado¹⁵.
- (27) Para ser honesta, foi um **empurra empurra** para conseguir algumas fotos¹⁶.
- (28) Bom eu estava no colegio com uns amigos e naquele dia eu levei minha camera de 7.2 MegaPixels uma otima resolução...eu estava la com meus camaradas e na hora do intervalo..começou a curtição foi um **tira tira** foto¹⁷ pra la um **tira tira** foto pra ca...¹⁸
- (29) “Foi um **quebra-quebra** total”, explicou. Celia relatou que várias garrafas de vidro foram atiradas no palco¹⁹.
- (30) Foi um **compra-compra** intenso, essa quarta, no Leilão Movimento Pró-Criança, com renda total para o Espaço Maria Helena Marinho, pilotado por João Marinho. No final das contas, foram vendidos 37 dos 44 quadros colocados a venda via doações de artistas plásticos locais²⁰.

¹⁴ <http://valletudo.wordpress.com/tag/eleicoes/>.

¹⁵ <http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/vanessa-faro/platb/2012/06/14/dia-de-santo-antonio-festa-de-sao-jorge/>.

¹⁶ <https://casaedecor.wordpress.com/category/franca/>.

¹⁷ Este é um dos únicos exemplos em que encontramos um objeto. Perceba, no entanto, que um verbo como *tirar* continua a ser um verbo de atividade mesmo com um objeto. Mais precisamente, a eventualidade *tirar uma foto* é compatível com testes que mostram que um dado verbo/VP é uma atividade, como, por exemplo, a possibilidade de o verbo no gerúndio mostrar que a ação já se completou. Assim, se *João está tirando uma foto*, a ação de tirar foto já pode ser tida como completa. Assim, mesmo com a presença de um objeto, é possível construir um evento massivo a partir desse verbo.

¹⁸ <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081115220232AApQJ5L>.

¹⁹ <http://musica.terra.com.br/noticias/0,,OI5745613-EI1267,00-SP+show+do+Mr+Catra+termina+em+tumulto+em+Bebedouro.html>.

²⁰ <http://pe360graus.globo.com/daliana/print.aspx?mId=2492&tId=BLG>.

Além disso, como a maioria dos exemplos mostra, os compostos NVVs podem ser antecidos pelo artigo indefinido *um*, mostrando que todos esses pequenos eventos formam um grande evento (tal como nomes massivos), como pode ser observado nos dados acima.

Ademais, os elementos gramaticais presentes nessa construção também são empregados a favor da interpretação massiva. A desinência verbal nessas formações é de 3ª pessoa. Tipologicamente, a 3ª pessoa sempre se distingue da 1ª e da 2ª por uma série de características. Os pronomes de 3ª pessoa se desenvolvem a partir de pronomes demonstrativos em algumas línguas, como, por exemplo, o inglês (cf. van Gelderen, 2011). Em línguas *pro-drop*, línguas nas quais a morfologia do verbo traz informações de pessoa, a morfologia de 3ª pessoa não guarda semelhança com o pronome, enquanto as de 1ª e 2ª guardam. Veja alguns exemplos na tabela abaixo (traduzida de Koenenman 2006: 82).

	1s	2	3s.m	3s.f	1pl	2pl	3pl.m	3pl.f
<i>Grego</i>								
Morfologia verbal	-o	-is	-i	-i	-ume	-ete	-um	-um
Pronomes fortes	Ego	Seu	Autós	Autè	Emeis	Eseis	Autoi	Autés
Pronomes fracos	-	-	Tos	Tè	-	-	Toi	Tes

Tabela 1: Semelhanças entre morfologia verbal e pronomes em uma língua *pro-drop*

Em línguas parcialmente *pro-drop*, isto é, línguas que estão em processo de perda da morfologia verbal, como o PB, verbos na 3ª pessoa são os primeiros a requerer um pronome como sujeito, porque a morfologia do verbo, por si só, não pode mais garantir a referência a uma determinada pessoa do discurso.

- (30) Contexto: Maria liga para seu marido para saber se ele já fez o almoço por duas razões: i) ela tem de almoçar rápido e ir a uma reunião; ii) o filho do casal também tem de almoçar antes de ir ao colégio. O seguinte diálogo ocorre:

Maria: - Já fez o almoço?

Marido: - Estou quase terminando, mas como rápido.

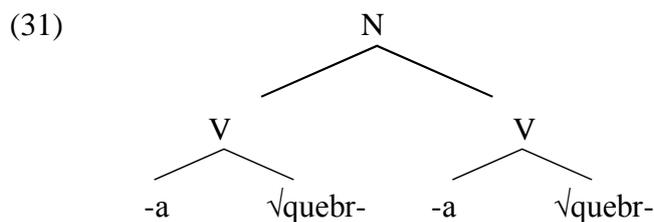
Maria: - Não é por sua causa! Nosso filho também tem de almoçar.

Marido: - Ah, ok. *Come rápido também.

Repare que, em alguns contextos, ainda é possível fazer a referência sem o pronome para 1ª e 2ª pessoas no PB (*já fez o almoço, como rápido*), mas não para 3ª pessoa (**come*

rápido também). Isso nos leva à conclusão de que, se a 3ª pessoa tinha alguma informação de pessoa no PB, ela já foi perdida. Esse morfema é, então, bastante apropriado para ser usado em uma construção em que se quer ressaltar a repetição de eventos e não seus participantes. Em outras palavras, esse é um morfema categorizador default, pelo menos em PB.

Outro aspecto que contribui para essa formação é o fato de o verbo não receber marcas de tempo. Isso sugere que a formação de NVVs é feita somente até a camada verbal, não há núcleos como TP e CP envolvidos. Assim, na sintaxe, a formação desses compostos procederia da seguinte forma.



Após os dois verbos serem recategorizados como um composto nominal, um determinante pode ser adicionado. É interessante mencionar que o determinante adicionado é sempre *o* ou *um*. Esses determinantes, além de apontarem que algo é categorizado como masculino, também são usados quando um elemento é neutro quanto a gênero, como as nominalizações de infinitivo.

(32) O andar/soluçar/caminhar da Maria é engraçado.

Nos compostos NVVs, pode-se dizer que o uso desses artigos como *default* se dá em virtude da presença de uma camada verbal e nenhuma projeção de gênero quando esses elementos são recategorizados como nomes.

5. POSSÍVEIS EXTENSÕES

Araújo (2002), em sua análise dos compostos NVVs e de outros processos de reduplicação do PB, chama a atenção para a agramaticalidade dessas construções no português europeu (PE) e a ampla produtividade de processos reduplicativos em geral nas variedades brasileira e africana de português. Nas palavras do autor:

Couto nota que a reduplicação, via de regra, é um processo produtivo e amplamente atestado nos crioulos de base portuguesa. No entanto, não atribui a gênese da reduplicação nos CBP [Crioulos de Base Portuguesa] apenas aos seus substratos (COUTO, 2000, p. 15), mas defende que a reduplicação e os processos composicionais, como um todo, são os primeiros a surgir, por serem menos marcados. Se, por um lado, a reduplicação no PB pode, especulativamente, estar associada à sua gênese, por outro lado, sabe-se pouco sobre a morfologia das línguas que o influenciaram. Essas influências, por hipótese, teriam alterado o padrão das regras morfofonológicas do PE na Colônia. No entanto, seria necessário um estudo dos substratos para testar essa hipótese. (Araújo, 2002: 80)

Como o autor aponta, mais estudos sobre a hipótese de que essa construção é fruto do contato com outras línguas na formação do PB têm de ser feitos. O que nos interessa aqui é o fato de essas formações revelarem algo sobre a gramática do PB. Kratzer (2008) discute a hipótese de as denotações básicas dos verbos serem cumulativas. Isto é, as denotações dos verbos seriam massivas, assim como a dos nomes. Durante os estágios da derivação, a inserção de objetos diretos, agentes e informações temporais delimitariam o evento e fariam-no contável. A inserção de todos esses elementos na sintaxe foi motivada de forma independente em uma série de trabalhos sobre eventos verbais (cf., por exemplo, Kratzer (1996), Pylkannen (2002), etc.).

O mesmo se pode dizer sobre os nomes. Somente após receberem as projeções de número, gênero e determinante, temos acesso à contabilidade dos nomes (cf. Ritter (1991), Picallo (2008), etc.).

Sendo essa hipótese plausível, podemos hipotetizar que os compostos NVVs são formados em um dos primeiros estágios da derivação, antes que núcleos que tornam o verbo contável sejam introduzidos à derivação. É interessante considerar, então, que o PB também apresenta nomes nus (para alguns autores, nomes sem uma projeção de número).

(33) Criança dá muito trabalho. ✓PB, *PE

Esses dois fatos em conjunto e a impossibilidade de nomes nus e de compostos NVVs no PE pode sinalizar uma diferença crucial entre as duas línguas: enquanto aquela língua permite que núcleos como N e V não sejam categorizados por número, esta língua proíbe.

Língua	Verbos sem categorização de número	Nomes sem categorização de número
PE	*	*
PB	✓	✓

Tabela 2: Expressão de número em PE e PB

Assim, em trabalhos futuros, estudaremos se essa construção é presente em um número significativo de línguas em que nomes nus também existem a fim de determinar se a possibilidade de NVVs é uma possibilidade em sistemas nos quais núcleos não precisam ser categorizados para número.

6. CONCLUSÃO

Neste trabalho, intentamos mostrar que os compostos [N [V V]] do PB são resultado de uma formação sintática e que os pressupostos da Morfologia Distribuída podem guiar a pesquisa sobre a formação desses compostos.

De um ponto de vista empírico, demonstramos que as restrições dessas formações são relacionadas à leitura de iteração de uma gama indistinta de eventos. Assim, verbos estativos não são licenciados porque não dão origem a uma leitura massiva, objetos são em geral banidos, porque levam a uma delimitação de um evento único, e a desinência de 3ª pessoa em geral é a escolhida para compor a fase verbal porque possui poucas informações sobre os participantes do evento (em PB, pode-se dizer que não possui nenhuma).

Como dito na seção 5, a exploração dessa construção pode mostrar mais diferenças entre o PB e o PE e isso será tratado com mais detalhes em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, G. Truncamento e Reduplicação no PB. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.61-90, jan./jun. 2002.
2. BACH, E. The algebra of events. *Linguistics and philosophy*, v. 9, n. 1, p. 5-16, 1986.
3. BOBALJIK, J. D. *The syntax of verbal inflection*. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology. 1995.
4. COUTO, H. H. A reduplicação em português. *Lusorama* 40, p. 29-49, 2000.
5. GONÇALVES, C. A. V. A morfologia prosódica e o comportamento transderivacional da hipocorização no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 12, p. 7-38, 2004.
6. HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: KOENEMAN, O. Deriving the difference between full and partial pro-drop. *Arguments and agreement*, p. 76-100, 2006.
7. KRATZER, A. On the plurality of verbs. *Event structures in linguistic form and interpretation*, p. 269-300, 2008.

8. KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In: *Phrase structure and the lexicon*. Springer Netherlands, 1996. p. 109-137.
9. LAZZARINI CYRINO; J. P.; ARMELIN, P. R. G.; MINUSSI, R. D. Sobre o conhecimento enciclopédico de gênero. *Cadernos do NEMP*, v. 4, p. 105-117, 2013.
10. MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't try Morphological Analysis in the privacy of your own Lexicon. In: DIMITRIADIS, L. S.; SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS, A. (orgs.)
11. *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*, v. 4, n. 2, p. 201-225, 1997.
12. NÓBREGA, V. A. *Tópicos em composição: estrutura, formação e acento*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
13. PICALLO, M. C. Gender and number in Romance. *Lingue e linguaggio*, v. 7, n. 1, p. 47-66, 2008.
14. PYLKKANEN, L. *Introducing arguments*. 2002. Tese (Doutorado) – MIT, 2002.
15. RITTER, E. Two functional categories in noun phrases: Evidence from Modern Hebrew. *Syntax and semantics*, v. 25, p. 37-62, 1991.
16. RODERO-TAKAHIRA, A. G. Pluracionalidade de eventos expressa por reduplicação no português brasileiro. *Anais da Abralim 2013*. No prelo.
17. SIDDIQI, D. *Syntax within the Word: economy, allomorphy, and the argument selection in Distributed Morphology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.
18. VAN GELDEREN, E. *Pro-drop and Pronominal Subjects: Reanalyzing features in the history of English*. Manuscrito. Disponível em: www.public.asu.edu/~gelder/Pro-regensburg.doc
19. VIALLI, L. A. D. A reduplicação de base verbal no português: uma análise pela Gramática das Construções. *Cadernos do NEMP*, n. 1, v. 1, p. 83-94, 2010.

ABSTRACT: We suggest a syntactic analysis for data as *quebra-quebra*, in Brazilian Portuguese. These data have already been discussed in previous papers, such as Araújo (2002) and Gonçalves (2009), under a morphophonological view. In this work, besides describing the verbal and nominal stages of this compound, we intend to show its restrictions. In this particular type, there is an interpretation of intensity/iterativity - related to the verbal part of the derivation, for an stative event, the latter ingredient brought by the nominal level. Given this fact, our prediction is that only verbs that can be interpreted as activities when reduplicated would be allowed in this type of construction. Therefore, all stative verbs are not licensed in this construction. This study seeks to explore the morphosyntactic and semantic aspects to the derivation of this type of compound.

KEYWORDS: Compound; Lexical Aspect; Reduplication.

Artigo recebido em 30 de novembro de 2014.

Artigo aceito para publicação em 06 de março de 2015.